

SIMPÓSIO AT016: Sociolinguística e Dialetoлогия

## ESTUDO COMPARATIVO DA LINGUAGEM BÍBLICA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: RESULTADOS PRELIMINARES

TEIXEIRA, Natan Gonçalves (PG-UEM)  
teixeira\_magister@hotmail.com

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia (UEM)  
jacqueortelan@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho pretende analisar a linguagem presente na Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida (versão de 1969) em relação ao uso das formas pronominais de segunda pessoa, realizando a comparação com uma versão revista e atualizada, baseada na tradução desse mesmo autor (versão de 2000, também conhecida como Nova Tradução na Linguagem de Hoje), a fim de verificar se há ou não variação em relação a esses usos de uma versão para outra. Para alcançar esse objetivo, o trabalho ancora-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), na tentativa de observar e de examinar possíveis mudanças que ocorreram na modalidade escrita do português brasileiro (PB) em um período de, aproximadamente, trinta anos. Justifica-se o estudo desse tema por contribuir com as pesquisas de variação linguística em uma perspectiva diacrônica, além de investigar um *corpus* (texto bíblico) pouco explorado quanto ao aspecto linguístico referido. Os resultados preliminares, atendo-se aos capítulos 7, 8, 9 e 10 do livro de Lucas, apontam para uma mudança expressiva quanto ao emprego desses pronomes. Verifica-se, na versão bíblica de 2000, a sobreposição das formas “você” e “vocês” às formas “tu” e “vós”, muito recorrentes na versão mais antiga.

**Palavras-chave:** variação linguística; formas pronominais de segunda pessoa; Bíblia Sagrada; Sociolinguística Variacionista.

### Abstract

This paper intends to analyze the language present in the Bible translated by João Ferreira de Almeida (1969 version) in relation to the use of the pronominal forms of second person, making the comparison with a revised and updated version, based on the translation of the same author (2000 version, also known as Nova Tradução na Linguagem de Hoje) in order to check whether or not there is variation in relation to these uses from one version to another. In order to reach this objective, the work is anchored in the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), in an attempt to observe and examine possible changes that occurred in the written mode of Brazilian Portuguese (PB) in a period of approximately thirty years. The study of this subject is justified because it contributes with the research of linguistic variation in a diachronic perspective, besides investigating a corpus (biblical text) little explored as far as the referred linguistic aspect is concerned. The preliminary results, referring to chapters 7, 8, 9 and 10 of the

book of Luke, point to a significant change in the use of these pronouns. In the biblical version of 2000, the "você" and "vocês" forms overlap with the "tu" and "vós" forms, very recurrent in the older version.

**Keywords:** linguistic variation; pronominal forms of second person; Holy Bible; Variationist Sociolinguistics.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Bíblia é o conjunto de livros antigos mais lido, traduzido e pesquisado em todo o mundo. Apresenta mensagens de grande importância para a humanidade, tanto em termos de fé como de vida. Ao longo dos tempos, a necessidade e o desejo de espalhar os seus ensinamentos entre os povos do mundo resultou em grande número de traduções para os mais variados idiomas. Na atualidade, é possível encontrar a Bíblia completa em, aproximadamente, 485 línguas.<sup>1</sup>

A primeira tradução completa do Novo Testamento para o português foi elaborada por João Ferreira Annes de Almeida e publicada em 1681. A primeira impressão completa em português, em um único volume, na tradução de Almeida, foi feita em Londres, em 1819. Antes disso, em 1809, foi publicado, pela primeira vez, o Novo Testamento de Almeida pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, para distribuição em países de fala portuguesa.

No Brasil, em 10 de junho de 1948, sob o lema "Dar a Bíblia à Pátria", surgiu a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Criada por destacados líderes cristãos, a SBB assumiu as atividades de tradução, produção e distribuição da Bíblia em todo o território nacional, sendo uma das maiores referências em traduções bíblicas em português brasileiro (PB). Foi, assim, em 1956, que a SBB lançou a primeira tradução da Bíblia no Brasil, denominada Almeida Revista e Atualizada e, em 2000, a tradução intitulada Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise da linguagem presente na Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida (edição de 1969, versão de 1956) em relação ao uso das formas pronominais de segunda pessoa, realizando a comparação com a versão revista e atualizada, baseada

---

<sup>1</sup> As informações apresentadas baseiam-se no conteúdo constante do *site* da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Disponível em <http://www.sbb.org.br/>.

na tradução desse mesmo autor (versão de 2000, também conhecida como Nova Tradução na Linguagem de Hoje), a fim de verificar se há ou não variação em relação a esses usos de uma versão para outra. Parte-se da perspectiva de que língua e sociedade são elementos indissociáveis e que esse sistema linguístico se estabelece e se realiza em função da necessidade de comunicação, o que possibilita, assim, manifestações bastante particulares, através dos tempos, desse sistema.

A escolha do tema justifica-se por contribuir com os estudos de variação linguística em uma perspectiva diacrônica, além de investigar um *corpus* (texto bíblico) pouco explorado quanto ao aspecto linguístico referido. Outro fato é que os textos bíblicos, em sua maioria, tendem a se preocupar, especialmente, com o uso de vocabulários, de expressões e de formas gramaticais extremamente vinculados ao que a Gramática Tradicional (GT) prescreve. Entretanto a tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje busca apresentar uma “linguagem comum”, que é possível ser compreendida pela maioria dos falantes do português do Brasil, embora não se trate de linguagem vulgar ou gramaticalmente errada, sendo normalmente aceita também pelos eruditos.

## 2 A TEORIA DA VARIAÇÃO

A noção de que a língua é um fenômeno social perpassa o pensamento linguístico desde o estabelecimento da Linguística no campo das ciências modernas, mesmo que tal noção não venha a se constituir objeto e centro de investigação de algumas perspectivas teóricas.

Sendo considerado, então, como social, o sistema linguístico se dá a partir da heterogeneidade de comportamentos e de atitudes dos indivíduos integrantes de uma comunidade, apresentando, assim, tendência à variabilidade.

O modelo teórico-metológico proposto por Weinreich, Labov, Herzog (2009 [1968]) e Labov (2008 [1972]) toma como ponto de partida para a investigação linguística a existência de variação no interior do sistema linguístico, podendo tal variação resultar (ou não) em mudança. Em consequência disso, o sistema linguístico deixa de ser visto como uma

estrutura homogênea, na qual a mudança se processa de forma assistemática, passando a ser encarada, nesse modelo, como inerentemente heterogênea, sendo a mudança algo que ocorre de maneira sistemática. E é justamente com o objetivo de “[...] processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada” (TARALLO, 1985, p. 5), verificando, a partir de investigação empírica, a relação existente entre os padrões linguísticos e sociais, que se desenvolverão os estudos alicerçados nos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista.

Este trabalho busca apresentar algumas considerações sobre determinadas mudanças linguísticas que ocorreram na modalidade escrita da língua. Isso, de certa forma, permite compreender que, até mesmo textos altamente vinculados à norma padrão, como a Bíblia, estão se modificando à realidade na qual o falante se insere para atenderem às demandas comunicacionais, o que evidencia a natureza dinâmica e flexível do sistema linguístico.

### **3 CORPUS E METODOLOGIA**

Conforme já exposto, o trabalho ancora-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), na tentativa de observar e de examinar possíveis mudanças que ocorreram na modalidade escrita do português brasileiro (PB) em um período de, aproximadamente, trinta anos.

Para tanto, utilizou-se um *corpus* constituído de duas versões bíblicas, baseadas na tradução de João Ferreira de Almeida: a edição de 1969 (versão de 1956) e a versão de 2000, conhecida como Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Mais especificamente, foram analisados os capítulos 7, 8, 9 e 10 do livro de Lucas, constante do Novo Testamento (NT).

A escolha desse Livro deve-se ao fato de este livro constar do NT, que é a parte da Bíblia em que estão registrados os acontecimentos mais lidos pelas pessoas, porque trazem a história de Jesus, do seu nascimento até sua morte, incluindo as ações dos discípulos a partir de então. Isso, de modo geral, parece interessar muito mais às pessoas – pelas questões relacionadas aos episódios simples da vivência em sociedade – do que as leis e as histórias

intensas do Antigo Testamento (AT).

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados possibilita a verificação de diferenças significativas entre as versões bíblicas aqui consideradas. Atendo-se aos capítulos 7, 8, 9 e 10 do livro de Lucas, observa-se a seguinte distribuição das formas pronominais de segunda pessoa:

**Tabela 1: Ocorrência das formas pronominais *tu/vós* e *você/vocês***

<b>Versões bíblicas</b>	<b>1969</b>	<b>2000</b>
<b>Variantes</b>	TU – VÓS	VOCÊ – VOCÊS
<b>Ocorrências</b>	06 – 17	22 – 37

Fonte: os autores.

A Tabela 1 revela, primeiramente, uma mudança no uso dos pronomes de segunda pessoa. Enquanto a versão de 1969 faz uso das segundas pessoas diretas, a versão de 2000 utiliza as segundas pessoas indiretas.

Segundo alguns autores (BECHARA, 1985, p. 96; SAID ALI, 1966, p. 93), os pronomes *você / vocês* (em lugar de *tu* e *vós*) indicam o ouvinte ou os ouvintes a quem se dirige o falante (portanto segunda pessoa), entretanto requerem o verbo na terceira pessoa. Relatam que essa concordância se explica diacronicamente pela origem da palavra *você* (*Você* < *Vossa Mercê*). Daí a justificativa para que se considerem esses pronomes como segunda pessoa indireta, afirmando que quem fala não se dirige diretamente ao interlocutor (*tu / vós*), mas a uma qualidade ou atributo dessa pessoa (à *mercê* existente nessa pessoa).

Os autores do presente trabalho discordam desse ponto de vista, porque entendem que os pronomes *você / vocês* são a segunda pessoa direta; assim, é importante atentar para a colocação coerente que Menon (1995) faz sobre esse assunto.

Menon (1995) diz que *Vossa Mercê*, por equivaler a uma locução

nominal substantiva (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo), empregava o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa. Porém, durante o processo de modificação fonética e de valor social<sup>2</sup> (que resultou na forma *você*), a expressão se “pronominalizou”, mudando de categoria: de **nome** para **pronome**. Menon não concorda com a afirmação de que *você* é pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa com verbo em 3.<sup>a</sup>; para ela, essa afirmação contraria a regra geral de concordância verbal a qual determina que o verbo deve concordar com o sujeito em número e em pessoa, e justifica:

O que a língua portuguesa passa a ter, em função da modificação do PSUJ<sup>3</sup>, é uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas (uma continua a ter o morfema tradicional, por exemplo: -s, para o presente do indicativo, e a outra apresenta um morfema  $\phi$  de pessoa), segundo o pronome pessoal que o falante utiliza. Assim, num dialeto em que os falantes usam consistentemente a forma *tu* é de se esperar que a forma verbal seja produzida com o morfema tradicionalmente atribuído à 2.<sup>a</sup> pessoa do singular. Paralelamente, um falante de um dialeto que emprega de maneira consistente o pronome *você* utilizará a forma verbal portadora do morfema  $\phi$ . E são essas duas formas que coexistem hoje, para a expressão da segunda pessoa (MENON, 1995, p. 97).

Ainda em relação aos dados apresentados na Tabela 1, é possível verificar que, na versão mais antiga, as formas *tu* e *vós* apresentam-se em uma frequência menor que as formas *você* e *vocês*, na versão mais recente. Enquanto a versão de 1969 traz uma frequência de 06 e 17<sup>4</sup> casos para, respectivamente, os pronomes pessoais *tu* e *vós* na função de sujeito, a de 2000 evidencia um número mais acentuado de pronomes de segunda pessoa: *você* e *vocês*, respectivamente, 22 e 37. Essa diferença expressiva pode ser justificada pelo fato de a língua portuguesa, segundo a GT, prescindir do uso de formas pronominais para o sujeito, quando este representa as primeiras e as segundas pessoas do discurso; pois, tradicionalmente, a língua apresenta um

<sup>2</sup> Mais detalhes sobre este aspecto, consultar FARACO, Carlos Alberto. **The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de doutoramento. University of Salford, UK, 1982. Também Menon (1995) e Said Ali (1966), referenciados na bibliografia.

<sup>3</sup> Pronomes pessoais sujeito.

<sup>4</sup> Consideraram-se apenas os contextos em que as formas *tu* e *vós*, assim como as formas *você* e *vocês*, vinham expressas.

paradigma flexional com desinências verbais capazes de indicar o pronome-sujeito sem que haja a necessidade de explicitá-lo (conforme CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 1985; dentre outros) ou, segundo a visão da Gramática Gerativa, sustenta-se que o português é uma língua de sujeito nulo<sup>5</sup>.

O português brasileiro (PB), entretanto, tem sofrido mudanças significativas e se distanciado muito dessa noção sustentada pela GT, baseada ainda no funcionamento linguístico do português europeu. Trabalhos como os de Menon (1994) e de Botassini (1998) têm demonstrado que o PB vem preenchendo cada vez mais a casa do sujeito e por motivos que não são, por exemplo, dar ênfase, simplesmente, como prescreve a GT.

Galves (1993) assevera que, na metade do século XIX, já se pode perceber uma tendência maior ao preenchimento do pronome-sujeito. Isso se deu, segundo a autora, em decorrência da “perda da segunda pessoa do singular na morfologia flexional” (p. 403), o que trouxe mudança não só no paradigma pronominal do português brasileiro, mas também um “enfraquecimento” da concordância verbal.

Como se vê, as desinências número-pessoais (fazendo referência às segundas pessoas) dos verbos têm sido pouco utilizadas, o que reforça a necessidade de colocação de um sujeito-pronominal, uma vez que, sem esse preenchimento, o sistema linguístico teria, certamente, problemas para o estabelecimento da comunicação.

As mudanças ocorridas no uso das formas pronominais de segunda pessoa nas duas versões bíblicas podem ser constatadas por meio dos exemplos (1), (2), (3) e (4), a seguir:

- (1) E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês **tu** esta mulher? (Lc. 7:44a, versão de 1969)
- (2) Então virou-se para a mulher e disse a Simão:  
– **Você** está vendo esta mulher?  
(Lc. 7:44a, versão de 2000)
- (3) Mas ele lhes disse: Dai-lhes **vós** mesmos de comer. (Lc. 9:13a, versão de 1969)
- (4) Mas Jesus respondeu:  
– Deem **vocês** mesmos comida a eles. (Lc. 9:13a, versão de 2000)

<sup>5</sup> Sujeito nulo é a expressão gerativista para a ausência do pronome-sujeito.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise inicial, constatou-se, em um primeiro momento, que as variações linguísticas no uso dos pronomes-sujeito de segunda pessoa de uma versão bíblica para outra, cujo intervalo de tempo corresponde a trinta anos, apontam uma mudança significativa no sistema linguístico, inclusive em registros escritos altamente formais, como a Bíblia. Isso permite verificar que a mudança do PB está ocorrendo até mesmo em textos que comumente se subordinam à norma padrão, apresentando modificações, formas alternativas para atender, de forma satisfatória, às demandas comunicacionais que envolvem o código linguístico.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 29. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. **Sociedade Brasileira Bíblica**. Disponível em <http://www.sbb.org.br/conteudo-interativo/pesquisa-da-bíblia>. Acesso em 25 jun. 2018.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista**. f. 113. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: editora da Unicamp, 1993. p. 387-408.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Português: língua de sujeito nulo?** Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador, 1994.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 44, 1995, p. 91-106.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Parábola, [1968] 2009.